

**PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UM PLANO DE MANEJO EM SÍTIOS  
ARQUEOLÓGICOS COM ARTE RUPESTRE NO MUNICÍPIO DE ALCINÓPOLIS,  
MATO GROSSO DO SUL, BRASIL**

Gilson Rodolfo Martins

Professor Titular em Arqueologia Pré-Histórica/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Universitário de Aquidauana/Departamento de História/Laboratório de Pesquisas Arqueológicas; diretor do Museu de Arqueologia/UFMS; pesquisador bolsista do MCT/CNPq - Brasil

Emília Mariko Kashimoto

Professora Livre-docente em Arqueologia Brasileira/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Centro de Ciências Humanas e Sociais/Departamento de História e Direito; Pesquisadora do MCT/CNPq - Brasil

O objetivo desta apresentação é expor os encaminhamentos adotados para a definição de uma política de preservação dos painéis com arte rupestre localizados nas áreas do Parque Municipal “Templo dos Pilares” e do Monumento Natural “Serra do Bom Jardim”, localizadas na região central do Brasil, no município de Alcinópolis, estado de Mato Grosso do Sul.

Os sítios arqueológicos a serem prioritariamente abordados por esta proposta são os seguintes:

a) Sítio Templo dos Pilares – coordenadas geográficas 18°08' 58''S/53°40'38''W (ver foto 1). Esse sítio é um abrigo sob rocha, incrustado em um paredão de arenito, com inscrições rupestres, localizado na margem esquerda do córrego Samambaia, integrante da bacia do córrego Bom Sucesso, no interior da Fazenda São Paulo. Esse sítio já é conhecido havia mais de vinte anos, quando as primeiras referências sobre o mesmo chegaram ao conhecimento da equipe do Laboratório de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (LPA/DHI/CPAQ/UFMS) e dos pesquisadores do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP/UNISINOS) que, nessa época, realizavam ações de levantamento e sondagem arqueológica entre Coxim e a região do alto curso do rio Sucuriú. O sítio Templo dos Pilares destaca-se na arqueologia sul-mato-grossense por uma geomorfologia singular e, ao mesmo tempo, monumental, isto é, espetaculares colunas naturais de arenito com vários metros de altura que dão a impressão, para o observador, de terem sido feitas pela mão do homem com o objetivo de sustentar o teto do abrigo: dessa configuração ambiental deriva o nome, por sinal bem apropriado, “Templo dos Pilares”. A área coberta do abrigo estende-se por mais de vinte metros

de frente e alguns metros de profundidade. Sobre a superfície, alguns blocos de arenito, de diferentes tamanhos, servem de suporte para inscrições rupestres, sobretudo gravuras em baixo relevo, bem como podem ter servido a outras finalidades cotidianas ou rituais, nos momentos em que foi ocupado. O solo do abrigo é composto por sedimentos arenosos soltos, oriundos da desestruturação litológica e associados a deposição de material orgânico por longo período. Não foram efetuadas sondagens visando dimensionar a espessura do pacote sedimentar. Na superfície é rara a presença de material arqueológico, seja ele lítico, cerâmico ou de natureza orgânica. Verificou-se apenas a presença de uma ou outra lasca de arenito, com dimensões média e pequena. Não foi registrada a presença de artefatos líticos, nem tampouco fragmentos de cerâmica. A principal característica arqueológica desse sítio são os seus espetaculares painéis com arte rupestre, sendo alguns com petroglifos e a maioria pictográficos. Pelo menos duas tradições arqueológicas, identificadas pelo padrão estilístico e temático da “arte rupestre” podem ser apontadas: a Tradição Planalto (pinturas) e Tradição Geométrica (petroglifos). A função principal desse sítio é definida pela exuberância de seus painéis com grafismos, o que vem conferir ao lugar acentuadas características potencialmente cerimoniais e um espaço privilegiado para manifestações culturais ritualísticas. A complexidade dos conjuntos pictográficos revela sofisticadas elaborações simbólicas e representativas da realidade, registrando assim documentos mitológicos únicos, a qual, associada ao exótico ambiente geomorfológico expresso pela arquitetura natural do interior do abrigo, reveste esse sítio de uma singularidade excepcional, fazendo com que o mesmo possa, até o momento, ser considerado o mais espetacular de Mato Grosso do Sul, isto é, um impressionante monumento da história do pensamento e da cultura humana pretérita no Brasil Central.

b) Sítio Córrego Água Ruim/Urutau 1 – coordenadas geográficas 18°09'07”S 53°42'23”W. Este sítio localiza-se no interior do Monumento Natural Serra do Bom Jardim, Unidade de Conservação, em um “anfiteatro” natural na margem direita do córrego Água Ruim e caracteriza-se por ser um abrigo sob rocha, esculpido em paredão de arenito Botucatu, com expressivos painéis de “arte rupestre”. O piso apresenta pouco sedimento, com restritos vestígios arqueológicos em sua superfície. Mesmo assim, foi possível realizar uma coleta de superfície de alguns vestígios arqueológicos líticos, tais como um núcleo de arenito e algumas lascas provenientes de matrizes de quartzito branco. Em uma análise preliminar, as características tecnotológicas dessa indústria lítica sugerem uma inserção na Tradição Itaparica. As inscrições

rupestres são predominantemente associadas à Tradição Planalto, porém uma figura cruciforme (ver foto 2) abre a possibilidade de inclusão de signos da Tradição São Francisco. Os petroglifos merecem um comentário destacado, pois se distribuem por tridáctilos, sinais abstratos e outros simples, porém, realçamos um conjunto com perfil arqueoastronômico, representando constelações e estrelas.

c) Sítio Córrego Água Ruim/Urutau 2 – coordenadas geográficas 18°09'26''S/53°42'15''W. Este sítio localiza-se próximo ao anterior, sendo um pequeno abrigo sob rocha, sem dimensões para que tenha tido uma função habitacional, sendo, portanto, um local de realizações culturais. Em comparação com os anteriores, este sítio apresenta um conteúdo pictórico bem simplificado no sentido quantitativo. No entanto, um dos signos, uma representação antropomórfica feminina, agachada, sugere trabalho de parto (ver foto 3). Pode-se levantar a hipótese se esse não teria sido um local discreto para realizações de cerimoniais ou rituais relacionados à fertilidade ou ao “bom parto”, ou ainda um espaço físico, selecionado, onde as mulheres pariam seus filhos. A superfície não apresenta sedimentos, sendo rochosa. Realizou-se a coleta de dois núcleos de quartzito, observando-se que não havia outros vestígios arqueológicos móveis.

d) Sítio Água Ruim/Urutau 3 – coordenadas geográficas 18°09'18''S/53°42'09''W. Trata-se de um grande abrigo sob rocha, caracterizado por uma grande diversidade de painéis com inscrições rupestres distribuídas entre pinturas e gravuras (v. foto 4). O local é alçado em paredão de arenito com ampla visibilidade do entorno, sendo bastante arejado e iluminado. Pelas dimensões e arquitetura natural interna este local pode ter sido multifuncional, isto é, um abrigo/habitat, mas também, um local de realização de cerimoniais mitológicos. Apesar de haver uma delgada camada de sedimentos em alguns pontos, em outros a superfície é caracterizado pelo afloramento da rocha. Havia uma grande quantidade de vestígios arqueológicos distribuídos na superfície, o que permitiu uma coleta de superfície de dezenas de lascas e alguns artefatos. A matéria prima dessa indústria lítica é o quartzito, as características tecnopológicas remetem esse comportamento cultural à Tradição Lítica Itaparica. Este sítio comporta potencialidade para uma escavação arqueológica sistemática, pois apresenta um número considerável de vestígios, os quais evidenciam atividades humanas diversificadas, havendo a possibilidade de obtenção de amostras de carvão arqueológico para futuras datações pelo método do Carbono 14.

## **1. Avaliação do estado de conservação dos sítios visitados**

No geral, os sítios visitados estão muito bem conservados, sendo raros os atos de vandalismo moderno. A paisagem do entorno desses sítios está bem preservada o que explica o ótimo grau de conservação e integridade dos mesmos. Nesse sentido, a iniciativa da Prefeitura local de criar a Unidade de Conservação é fundamental para que se mantenha o *status quo* de preservação do patrimônio cultural, isto visando futuras pesquisas e o uso turístico cultural desses locais. Para tal se faz imprescindível a manutenção rigorosa do atual estágio de preservação ambiental da realidade paisagística na qual esses sítios estão inseridos.

É preciso explicitar que as ações técnico-científicas desenvolvidas durante a campanha abordada neste texto foram amostrais. A definição precisa da potencialidade arqueológica da região das Unidades de Conservação em tela e o registro pleno dos sítios arqueológicos aí existentes carecem de um trabalho de levantamento exaustivo e sistemático, já que o levantamento descrito nesta exposição teve um caráter amostral e de diagnóstico apenas. Assim, a expectativa é que haja outros sítios na área enfocada, carecendo esta de um trabalho de levantamento mais alongado e minucioso. Isso só será possível no âmbito de um projeto de levantamento específico para tal e devidamente aprovado e reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pois essa ação só teria sentido científico com a coleta sistemática de vestígios arqueológicos e o seu devido processamento em laboratório especializado, seqüenciado pela apropriada guarda e curadoria do acervo coletado, em local técnica e legalmente habilitado para tal.

Do ponto de vista da ciência arqueológica, o patrimônio arqueológico observado durante essa campanha revelou-se de altíssima significância, sobretudo, considerando-se que as datações arqueológicas mais antigas de Mato Grosso do Sul, cerca de 10.500 anos B.P., encontram-se nessa porção territorial do estado. É bem provável que, com o aprofundamento das pesquisas arqueológicas nesse horizonte geográfico, o conhecimento científico sobre as origens do povoamento humano, neste estado brasileiro, venha a ter o seu percurso encurtado, o que permitiria a elaboração de modelos explicativos mais densos e consistentes, os quais poderiam associar-se aos estudos em andamento nos estados de Mato Grosso e Goiás, iluminado assim, de forma mais transparente a história da ocupação humana no interior do continente sul-americano.

## **2. Potencialidades de uso da área na perspectiva do Patrimônio Cultural**

Conforme a legislação federal em vigor no Brasil, os sítios arqueológicos, assim que registrados como tal por alguém legalmente habilitado, passam a ser automaticamente tombados e protegidos pelas diretrizes legais como patrimônios da União, sendo, portanto, dispensada a abertura de processo específico de tombamento. Por determinações constitucionais, a preservação da integridade de um sítio arqueológico recai sobre particulares, no caso de o mesmo se encontrar em propriedade privada, ou autoridades públicas municipais ou estaduais, se o mesmo estiver nessas respectivas áreas públicas. Sendo assim, qualquer tipo de uso de um sítio arqueológico, inclusive pelas atividades acadêmicas típicas da pesquisa científica está sujeito às normas legais, o que quer dizer que se faz necessária a autorização do IPHAN para tal.

Considerando-se a altíssima relevância científica e cultural do conjunto de sítios em tela, os princípios fundamentais da política de preservação e manejo dos bens culturais do país determinam que esses bens patrimoniais devam obrigatoriamente ser preservados na sua integridade, bem como sejam disponibilizados para ações de educação patrimonial por meio de programas formais e/ou informais, como as atividades de turismo cultural. Isto posto, qualquer atividade de manejo desses bens patrimoniais deve ser obrigatoriamente precedida de estudos científicos que caracterizem o conteúdo desses sítios nas suas distintas interfaces, isto é, para manejar é preciso conhecer.

### **3. Avaliação para o plano de manejo da área**

Com base nos aspectos acima diagnosticados, avalia-se a necessidade de adoção dos seguintes procedimentos:

#### **3.1. Pesquisa científica**

a) executar um exaustivo programa de levantamento e prospecção arqueológica na área interna das Unidades de Conservação e no seu entorno, sendo que se considera como escopo do anteriormente apontado, as áreas banhadas pelas sub-bacias hidrográficas dos córregos Água Ruim, Urutau, Bom Jardim e Samambaia, registrando e cadastrando legalmente, no IPHAN, todas as ocorrências constatadas;

b) realizar escavações arqueológicas sistemáticas em sítios que sejam paradigmáticos dos distintos horizontes arqueológicos da região;

c) efetuar a guarda e curadoria tecnicamente apropriada do acervo oriundo dos trabalhos antes descritos;

d) apresentar os resultados científicos obtidos em eventos científicos regionais e nacionais, bem como em publicações científicas especializadas;

e) organizar e disponibilizar publicamente os dados científicos obtidos (banco de dados com fotos, registros, anotações, referências, etc.) para pesquisas futuras devidamente autorizadas pelo IPHAN;

f) implantar, no interior do Parque, instalações apropriadas para a permanência temporária de pesquisadores que aí desenvolvam suas pesquisas científicas.

### 3.2. Preservação patrimonial

a) diagnosticar os possíveis agentes impactantes das estruturas arqueológicas, sejam eles naturais, tais como bioperturbações, processos erosivos climáticos, geológicos, etc., ou antrópicos, tais como atividades agro-pastoris, vandalismos, queimadas, desmatamentos, mineração, aberturas de sistemas viários, linhas de transmissão, represamentos, etc.; propondo medidas conservacionistas, mitigatórias ou impeditivas, conforme o caso;

b) implantar um sistema de sinalização e advertência sobre as responsabilidades legais derivadas de qualquer dano; implantar um sistema de segurança anti-fogo e estabelecer pontos de vigilância permanente.

### 3.3. Educação patrimonial

a) organizar de forma didática os dados científicos reunidos e utilizá-los através de multimeios, de tal forma a subsidiar programas de educação patrimonial, em diferentes formatos, a serem aplicados regular e permanentemente junto às comunidades escolares do município;

b) criar e implantar condições de infra-estrutura para que os sítios representativos sejam visitados pela comunidade escolar em programas que associem educação patrimonial e ambiental, gerando, assim, uma consciência preservacionista e cidadã;

c) assegurar meios de transporte adequados ao público escolar e científico.

### 3.4. Turismo cultural

a) criar e implantar um museu municipal, com ênfase na arqueologia da região, de tal forma a preparar um espaço receptivo, com equipamentos e instalações apropriadas para orientar e dirigir o fluxo turístico na apreciação da potencialidade e significado arqueológico do Parque Municipal e do Monumento Natural;

b) implantar trilhas sinalizadas orientando o deslocamento no interior do Parque e do Monumento Natural;

c) sinalizar os locais com as precauções necessárias em relação à segurança física dos visitantes, à preservação ambiental e patrimonial;

d) sinalizar os sítios arqueológicos com as sínteses científicas necessárias à sua correta apreciação;

e) produzir material impresso e audiovisual com conteúdo didático;

f) implantar unidades receptoras do turismo com instalações sanitárias e para alimentação;

g) treinar e especializar guias turísticos, ampliando conceitos acerca das limitações e perspectivas analíticas acerca de arte rupestre tais como magia, totemismo, etc.

h) divulgar o potencial turístico do Parque, junto ao *trade* turístico, órgãos governamentais e por meio da internet.

### 3.5. Ações pró-ativas visando o desenvolvimento sustentável

Criar e implantar programas de produção de artesanato que tenham como finalidade reproduzir, divulgar e preservar a identidade arqueológica municipal e assim oportunizar condições para que parte da população municipal possa encontrar nessa atividade uma forma suplementar de renda retroalimentando, assim, o turismo cultural.

## 4. Bibliografia

BEBER, M. V. *A arte rupestre do Nordeste do Mato Grosso do Sul*. Dissertação (Mestrado em História, Área de Concentração em Estudos Ibero-Americanos) — Centro de Educação e Humanismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1995.

GALLAY, A. *L'Archéologie demain*. Paris: Pierre Belfond, 1986.

GIRELLI, Maribel. Lajedos com Gravuras na região de Corumbá, MS. Dissertação (Mestrado em História Área de Concentração em Estudos Ibero-Americanos) — Centro de Educação e Humanismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1994.

KASHIMOTO, E. M. *O Alto curso do rio Paraná: fronteiras ambientais e arqueológicas*. Tese (Livre-Docência em Arqueologia Brasileira) – Museu de Arqueologia/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2007.

KASHIMOTO, E. M. & MARTINS, G. R. Archaeology of the holocene in the upper Paraná river, Mato Grosso do Sul State, Brazil. *Quaternary International*, n. 114(1), p. 67-86, Elsevier/INQUA, UK, 2004.

- MARTINS, G. R. *Breve painel etno-histórico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: EdUFMS, 2002. 2ª ed.
- \_\_\_\_\_. *Arqueologia do Planalto Maracaju-Campo Grande*. Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande: Ed. UFMS, 2003.
- MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. & TATUMI, S. H. Datações arqueológicas em Mato Grosso do Sul. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 9, p. 73-93, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo, 1999.
- PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da UnB, 1992.
- SCHMITZ, I. *Caçadores e coletores da pré-história do Brasil*. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Serranópolis II – pinturas e gravuras dos abrigos*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1999.
- VERONEZE, E. *A ocupação do Planalto Central Brasileiro: o nordeste do Mato Grosso do Sul*. Dissertação (Mestrado em História) — Centro de Educação e Humanismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1994.
- VIALOU, D. et al. *L'Homme Fossile et ses paléoenvironnements dans le Bassin du Paraná-Brésil*. São Paulo, 1997. (relatório não publicado)



Foto 1 – Sítio arqueológico Templo dos Pilares



Foto 2 – Imagem cruciforme/Tradição São Francisco



Foto 3: Representação antropomórfica feminina, agachada, sugere trabalho de parto



Foto 4 – Painel com sobreposições: figuras arqueoastronômicas, zoomorfas e abstratas